



APRESENTA

POR UM TRÂNSITO LIVRE DE DROGAS

A cada hora, cinco pessoas morrem no trânsito no Brasil

Exame toxicológico obrigatório para motoristas profissionais terá impacto na redução de acidentes

No Brasil, a cada hora, cinco pessoas morrem vítimas de acidentes viários e 59 ficam inválidas. Em 2015, o trânsito matou 42,5 mil pessoas e deixou 515,7 mil feridos graves. Esses números dão ao Brasil a medalha de bronze da violência no trânsito, que só fica atrás de China e Índia.

As estradas federais mostram uma realidade cruel. Os veículos pesados, que são apenas 4% da frota nacional, estão envolvidos em 51% dos acidentes fatais, dos quais 43% ocorrem com caminhões e 8%, ônibus. As informações foram fornecidas pela Polícia Rodoviária Federal para estudo do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, vinculado ao governo federal), divulgado no ano passado.

O alto índice de mortes nas rodovias em acidentes que envolvem veículos pesados é resultado da combinação de fadiga, jornadas excessivas e uso de drogas por parte dos motoristas profissionais, segundo mostram estudos e pesquisas de várias regiões do país.

O assunto foi discutido durante o evento "Por um trânsito livre de drogas", realizado na terça-feira (31), pelo ITTS (Instituto de Tecnologias para o Trânsito Seguro) em parceria com o Estúdio Folha.

"Nossos motoristas não se drogam por lazer. Dopam-se para dirigir horas a fio e acabam por praticar concorrência desleal com outros transportadores, colocando em risco a própria vida e a vida de terceiros que nada têm a ver com seu vício. É claro que falamos de uma minoria. Mas uma minoria que promove grande dano, à qual não teríamos acesso sem o exame de toda a categoria", diz Márcio Liberbaum, presidente do Instituto.

Apesar da falta de estatísticas nacionais baseadas em perícias e testes feitos no local dos acidentes, as estimativas são de que um terço dos motoristas profissionais já recorre às drogas para atravessar as estradas do país. Uma fiscalização feita em 2015 pelo Ministério Público do Trabalho, em parceria com a PRF, apontou que um em cada três caminhoneiros submetidos a exames toxicológicos usou algum tipo de droga. Esse exame, aplicado pela primeira vez na operação do MPT, é conhecido como "exame do cabelo" e detecta o consumo ou não de drogas pelo menos 90 dias antes da coleta. Já o teste de urina identifica o consumo três dias antes da coleta, e o de saliva, 12 horas.

A lei 13.103, de 2015, conhecida como a Lei do Caminhoneiro, determina a obrigatoriedade do exame para motoristas que irão tirar, adicionar ou renovar a carteira de habilitação (CNH) nas categorias C, D e E. Desde o dia 2 de março deste ano, uma portaria do governo regulamentou também o exame na admissão e demissão de motoristas profissionais.

"O exame é muito mais eficiente do que os testes de urina e saliva porque, ao identificar em uma janela de 90 dias o consumo de drogas, permite retirar das ruas os motoristas que comprovadamente são dependentes químicos. E terá impacto na redução de acidentes, como ocorreu nos Estados Unidos", diz Liberbaum.

O uso de drogas entre os motoristas profissionais deixou de ser somente um problema de segurança nas estradas e se tornou

Rodolfo Rizzotto, coordenador do SOS Estradas, afirma que o exame do cabelo vai poupar vidas



Márcio Liberbaum, do ITTS, lembra que a minoria de profissionais é usuária de drogas, mas causa grande dano a toda a sociedade



O deputado federal Hugo Leal (PSB-RJ), que defende mais rigor contra motoristas infratores

um problema de saúde pública. "Entre os motoristas que transportam cargas perecíveis, o uso de drogas é ainda maior, chegando a 50%", diz Rodolfo Rizzotto, coordenador do SOS Estradas.

O "exame do cabelo" é considerado uma ferramenta importante na segurança viária porque trata-se de política pública de natureza preventiva e eficaz no combate ao uso de drogas no trânsito. "Como fiscalizar 200 mil quilômetros de estradas? Seria necessário um exército de agentes com gastos impensáveis. E, mesmo assim, só seria possível checar menos de 1% dos motoristas em um ano", diz o diretor-geral do Detran do Paraná, Marcos Traad. "O exa-

me do cabelo permite verificar toda a população de motoristas profissionais em um prazo de 3 anos, complementa o presidente do ITTS, Márcio Liberbaum.

IMPACTOS

Com as mortes e vítimas que se tornam inválidas, o país deixa de produzir R\$ 197,3 bilhões, segundo estimativa de um estudo realizado pelo professor Cláudio Contador, da Escola Nacional de Seguros. O cálculo considera, entre outras variáveis, o perfil e a renda das vítimas de acidentes de trânsito, a maioria com idade economicamente ativa (18 a 65 anos). E mais: por ano, o Brasil gasta R\$ 40 bilhões com custos que incluem desde contas



Cumprir a lei e fazer o exame é importante para garantir a vida de quem está na estrada. A função de motorista profissional está entre as mais perigosas do país

Dárcio Centoducato

hospitalares até danos a carga e veículos envolvidos nos acidentes.

Só no setor de transporte de carga, o gasto é de R\$ 17,6 bilhões com acidentes, segundo dados da empresa Pamcary, uma das maiores corretoras de seguros que atua no gerenciamento de riscos.

"Enquanto o roubo de carga gera prejuízo de R\$ 1,04 bilhão por ano e chama a atenção de todos, os acidentes no transporte de carga causam perda estimada de R\$ 16,3 bilhões a R\$ 18,9 bilhões, com cerca de 8.000 mortes e milhares de feridos, em que o caminhão foi o autor", diz Dárcio Centoducato, diretor de gerenciamento de risco da Pamcary. "É como se um avião com cem pessoas caísse a cada cinco dias."

Exame já é feito por militares, PMs e pilotos

O que é novidade para motoristas profissionais faz parte da rotina de órgãos e empresas brasileiras há mais de 15 anos. Exército, Marinha, Aeronáutica, Polícia Federal, Polícias Rodoviárias Federal e Estaduais, Polícias Civis e Militares, bem como Corpos de Bombeiros, Ministério Público Federal, Guardas Municipais, Companhias Aéreas e Marítimas já realizam o exame toxicológico há tempos.

Até os funcionários de empresas como TAM e Technip são submetidos ao exame do cabelo como forma de garantir a sua segurança e a dos outros.

Segundo Renato Kanto, gerente médico da multinacional Technip, que já aplica os exames em todos os funcionários, em 2013 a taxa de positividade foi de 4,02%. Em 2015, o índice caiu para menos da metade.

Nos Estados Unidos, o exame toxicológico preventivo de urina é obrigatório para motoristas profissionais desde 1988. Mas uma das maiores transportadoras do país, a JB Hunt, decidiu adotar como política o exame do cabelo após dois de seus motoristas, aprovados pelo teste de urina, terem se envolvido em acidentes fatais. Os dois haviam consumido cocaína.

Em seis anos, mais de 65 mil exames toxicológicos de larga janela foram feitos, e o índice de acidentes com motoristas sob efeito de drogas foi zerado, segundo Lane Kidd –diretor-executivo da Trucking Alliance (entidade que reúne grandes transportadoras), que gravou vídeo para o evento.

Outras transportadoras seguiram o exemplo da JB Hunt. Por conta dos resultados, o governo norte-americano instituiu, no ano passado, a possibilidade de adoção do exame do cabelo como alternativa ao de urina.

A grande diferença é que cabelo, pelos e unhas têm em sua composição uma proteína chamada queratina. Por ter forma helicoidal, ela aprisiona substâncias, inclusive drogas e seus marcadores. É isso que permite identificar drogas consumidas meses antes da coleta de amostra, apontando para usuários regulares.

Já o exame de urina capta o consumo de, no máximo, três dias antes. Não sendo capaz de identificar usuários regulares.

SAÚDE

Cocaína é a droga preferida nas estradas, afirma médico

Uso do tóxico aumenta em mais de 20 vezes risco de morte ao volante

A cocaína ultrapassou o "rebite" (anfetaminas) como principal droga psicoativa adotada por caminhoneiros brasileiros. A afirmação é do médico do Comitê Olímpico Brasileiro, Luís Fernando Correia, que também é comentarista de saúde da CBN, da TV Globo e da Globonews.

Em evento para o lançamento do ITTS (Instituto de Tecnologias para o Trânsito Seguro), o médico apresentou dados de vários estudos cien-

tíficos mostrando que o uso de cocaína por motoristas aumenta em mais de três vezes a chance de acontecer um acidente e em mais de 20 vezes o risco de morte ao volante.

Sob o efeito da droga, o motorista consegue trabalhar continuamente por dias seguidos. Com isso, fazem uma "concorrência desleal", prejudicando os bons motoristas, avalia Correia.

Os motoristas usam co-

caína e anfetaminas como doping contra o sono. Essas drogas ativam o sistema de recompensa no cérebro, dão sensação de euforia, aumentam o risco de decisões perigosas e dilatam a pupila, o que torna o usuário mais sensível à luz, segundo o médico.

Para piorar, o uso contínuo leva ao vício. "Sem condições de pagar pela droga, esses motoristas passam de usuários a transportadores de entorpecentes", diz Rodolfo Rizzotto, do SOS Estradas.



Apreensão de carreta com maconha na zona oeste de SP em 2015